



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

## UMA REFLEXÃO BAKHTINIANA SOBRE O FENÔMENO DA NÃO MARCAÇÃO DE GÊNERO<sup>1</sup>



### A REFLECTION ABOUT THE UNMARKED GENDER PHENOMENON INSPIRED BY THE BAKHTINIAN IDEAS

Guilherme Alexandre da SILVA  
Universidade de Passo Fundo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 21/06/2021 • APROVADO EM 08/02/2022

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3542>

---

#### Resumo

---

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o fenômeno da não marcação de gênero na Língua Portuguesa sob a perspectiva bakhtiniana de linguagem. Utilizam-se os principais conceitos do Círculo para fundamentar este trabalho, como o horizonte social avaliativo, as forças centrípetas e centrífugas, a ideologia oficial e do cotidiano e as vozes sociais. A metodologia consiste em revisitar, através de uma pesquisa de tipo bibliográfico, os fundamentos do Círculo de Bakhtin, tendo como texto base o “Marxismo e filosofia da linguagem”, de Valentin Volóchinov, e os textos de estudiosos do assunto, como Carlos Alberto Faraco, Valdemir Miotello e Augusto Ponzio. Como resultados principais, 1) propõe-se a substituição do termo comum “linguagem neutra” por “fenômeno da não marcação de gênero”, uma vez que para o Círculo não há neutralidade na linguagem, 2) observa-se que as obras do Círculo ajudam a evidenciar a luta de forças axiológicas

---

<sup>1</sup> Este trabalho é minha proposta de artigo para o Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo e foi orientado pela Prof<sup>a</sup> do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo Dr<sup>a</sup> Marlete Sandra Diedrich, [marlete@upf.br](mailto:marlete@upf.br).

atuantes no fenômeno da não marcação de gênero e na resistência das ideologias oficiais em negar um espaço em seus horizontes avaliativos, 3) observa-se como grupos de falantes simpatizantes que utilizam da não marcação de gênero criaram suas próprias regras oficiais.

---

## Abstract

---

This research aims to reflect on the phenomenon of unmarked gender in Portuguese Language under the bakhtinian perspective of language. We used the following main concepts of the Bakhtin Circle to support this work: the social horizon of values, the centripetal and centrifugal force, the official and everyday ideological domain, the social voices. Our methodology consists of reviewing, through bibliographical research, the fundamentals of the Bakhtin Circle, with “Marxism and the philosophy of language”, by the member of the Circle Valentin Volóchinov, as fundamental resource along with texts of the scholars of the field Carlos Alberto Faraco, Valdemir Miotello e Augusto Ponzio. As main results is 1) proposed the substitution of the common used term “neutral language” to “phenomenon of unmarked gender”, once, for the Circle, there is not neutrality on language, 2) verified the the Circle’s theoretical works help to evidence the fight of the axiological forces active behind the unmarked gender and the resistance of the official ideologies in denying them space on their horizon of values, 3) verified how the groups of speakers that make use of the unmarked gender created its own official rules.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Não marcação de gênero. Gênero neutro. Pronome neutro. Círculo de Bakhtin. Gênero não-binário.

**Keywords:** Unmarked gender. Gender neutral. Neutral pronoun. Bakhtin Circle. Non-binary gender.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A discussão do fenômeno da não marcação de gênero na linguagem<sup>2</sup> surge do anseio de diversos grupos por sentirem-se representados em sua expressão pessoal. A pauta é antiga (ANDRIGHETTI1, PERNA, 2016, p. 132), deriva de problematizações das noções de sexo, sexualidade, gênero e identidade, questões, estas, inerentes à vida do indivíduo em sociedade e que refletiram, como não poderia deixar de ser, na linguagem. Sobre isso, existem hoje, na vida cotidiana, uma série de possibilidades de referências sem gênero marcada, que se desenvolvem nos círculos de amigos e ganham suas próprias *normas informais* em pequenos manuais de uso. Sites (MEDIUM) e vídeos na internet (YOUTUBE) se responsabilizam por manterem atualizados estes guias atualizados.

---

<sup>2</sup> Apoiados nos princípios ideológicos do Círculo de Bakhtin, como veremos na seção “Enuncia-se o mundo para sujeitos organizados: o horizonte social” a seguir, defendemos que um uso “neutro” da língua é impraticável. Por isso propomos a substituição do termo “linguagem neutra”, comum nos estudos do fenômeno da linguagem não-binária, para “fenômeno de não marcação de gênero”.

Essas iniciativas buscam evitar um binarismo característico da língua portuguesa que restringe as possibilidades de expressão de identidade de gênero ao masculino e feminino. Desta forma, os guias de uso de uma língua sem marcação de gênero descrevem possibilidades fora do escopo binário, apontando alternativas como o pronome “elu” e a troca dos marcadores masculino e feminino no final de palavras por “e”, ou “u”: “*elu é ume menine muito sincere*”, ou “*não fala isso, porque deixa elu irritade.*” Outra possibilidade é a troca dos marcadores masculinos e femininos por “x”, ou “@”, uso muito comum na internet, mas criticados pelos organizadores do *Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR)* (MEDIUM, 2020), porque, segundo o autor, esses marcadores 1) não servem para a linguagem oral e 2) são pouco inclusivos às pessoas com deficiência visual.

São muitas as interrogações a respeito da usabilidade da não marcação de gênero na língua - para saber mais, LAU (2013) faz um levantamento acurado sobre essas possibilidades e dificuldades. São factíveis, por outro lado, as possibilidades de sua adesão, como é o caso da Suécia, que reconheceu, em 2015, como parte da norma um terceiro pronome (*hen*) fora do binarismo masculino/feminino. Não nos deteremos em analisar comparativamente as características de duas línguas tão distantes como o português e o sueco. Nosso objetivo, antes disso, é refletir sobre o fenômeno sob a perspectiva bakhtiniana de linguagem. Entendemos que este é um fenômeno da linguagem e não se detém aos falantes da Língua Portuguesa. É notável, por exemplo, a ocorrência da não marcação de gênero e suas problematizações em diferentes grupos sociais ao redor do mundo. Justificamos nossos esforços em observá-la sob o apreciativo dos falantes da Língua Portuguesa no Brasil pela mera familiaridade com o grupo de falantes e também por considerarmos as diversas nuances avaliativas dos inúmeros grupos sociais ao redor do mundo as quais este artigo não conseguiria cobrir. Orientamo-nos pela seguinte questão norteadora: quais são as contribuições da perspectiva bakhtiniana de linguagem na reflexão sobre o fenômeno da não marcação de gênero na Língua Portuguesa? Tal inquietamento surge por reconhecermos que o Círculo de Bakhtin nos oferece reflexões importantes para entender as relações entre sujeitos e mundo através da linguagem e que podem servir para entendermos este fenômeno de maneira significativa, mas não exaustiva.

Para tanto, organizamos este artigo da seguinte forma: começamos nossa discussão apresentando sua organização metodológica, para então definir o aspecto ideológico do signo linguístico e avançarmos progressivamente para os seguintes conceitos: refração e reflexão, o horizonte social e a heteroglossia, a tendência monologizante e as forças centrípetas e centrífugas, para, enfim, chegarmos à ideologia oficial e do cotidiano. Conjuntamente ao desenrolar dos princípios, refletimos como o fenômeno da não marcação de gênero se relaciona e pode ser explicado a partir deles.

Tendo em vista que, para os pensadores do Círculo de Bakhtin, a língua deve ser estudada não apenas em sua estrutura, mas entendida como um fenômeno da relação entre sujeitos falantes e ouvintes, pertencentes a uma coletividade linguística socialmente organizada (VOLÓCHINOV, 2018[1929]), nossa metodologia consiste em revisitar, através de uma pesquisa de tipo bibliográfico, os fundamentos do Círculo de Bakhtin, tendo como texto base *Marxismo e filosofia*

da linguagem (2018[1929]), de Valentin Volóchinov, e os textos de estudiosos do assunto, como Carlos Alberto Faraco (2003), Valdemir Miotello (2012) e Augusto Ponzio (2008), para observar como tais princípios iluminam do fenômeno da não marcação de gênero na Língua Portuguesa. Esta pesquisa não busca analisar corpus. Ela se detém à reflexão da não marcação de gênero na língua enquanto fenômeno social originado na interação entre sujeitos historicamente localizados.

### **A existência mediada pelo signo ideológico**

Para iniciarmos nossa reflexão a respeito do fenômeno da não marcação de gênero na língua Portuguesa, se faz necessário localizar a questão da ideologia dentro das ideias do Círculo. Este conceito é fundamental para a compreensão do pensamento do grupo e sustenta toda a sua argumentação no que diz respeito à relação sujeito/mundo. O termo ideologia é usado, como defende Faraco (2003), “em geral, para designar o universo dos produtos do ‘espírito’ humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial*, ou produção *espiritual*” (p. 46, destaque do autor). Isto é, são *produções, obras, materiais* surgidos do ambiente social, decorrentes da interação entre indivíduos e que servem para representar o mundo: só o conhecemos a partir de ideologias. Logo no início de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2018[1929]), porém, Volóchinov vai além e quando diz que “as bases da ciência marxista da criação ideológica, isto é, os fundamentos dos estudos sobre a ciência, a literatura, a religião, a mortal etc, estão ligados de modo mais estreito aos problemas da linguagem” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 91) ele justapõe o conceito de ideologia ao de signo e afirma que o estudo das criações ideológicas deve se passar, inevitavelmente, pelo estudo da linguagem. Pois é através dos signos linguísticos que os fenômenos ideológicos se manifestam no mundo material, e, portanto, se só conhecemos o mundo através da ideologia, só internalizamos a ideologia através da linguagem.

Esta característica essencialmente semiotizada que o Círculo tem sobre as ideologias é que faz o seu pensamento tão adequado para os estudos da linguagem, uma vez que é a própria palavra o principal meio de materialização do fenômeno ideológico. Das diversas manifestações sígnicas, que inevitavelmente trazem consigo ideologias, é a palavra a principal representante dos fenômenos ideológicos, porque, para o Círculo, é ela o principal meio de interação entre sujeitos, e, sendo a relação interindividual a responsável por construir e dar continuidade às ideologias, torna-se a palavra “*o fenômeno ideológico par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo.” (VOLOCHINOV, 2018 [1929], p. 98, destaque do autor). Contudo, ao reconhecer este papel ideológico da palavra, o autor assume não ser possível, devido à heterogeneidade ideológica característica do ambiente sociedades, acreditar que o sentido do signo seja uno. Para entendermos isso, se faz necessário abordar a questão da reflexão, refração e do embate ideológico dentro do signo linguístico.

### **Reflexão, refração e o embate ideológico dentro do signo linguístico**

Como já dito, seria um erro pensar que os signos ideológicos apenas refletem ideias do ambiente social sem interferir diretamente na realidade. Para o Círculo, o signo ideológico é “axiológico”, nas palavras de Faraco (2003, p. 55), e *refrata* as vivências próprias dos grupos sociais através de suas avaliações valorativas. Isto significa que uma palavra não é apenas um termo com certo significado que reflete uma experiência, mas a própria experiência da vida materializada em signos. A implicação dessa refração é a impossibilidade de enunciar sem, de alguma forma, recorrer a valores historicamente inscritos nos signos linguísticos.

O tecido social, contudo, é formado por diferentes grupos. E como uma colcha que não pode ser feita por uma única linha, o valor do signo não pode ser constituído individualmente. É do atrito entre as diferentes axiologias presente no tecido social que surgem, então, diferentes valores para os signos linguísticos. É nesse embate que o discurso será valorado positiva ou negativamente. Sobre isso, aponta Faraco (2003, 2003, p. 51):

[...] as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanas, com suas inúmeras contradições e confrontos de valores e interesses sociais.

Portanto, é com essa série de valores sociais, justapostos ao signo e correspondentes aos muitos grupos humanos, que os sujeitos dialogam diretamente ao enunciar, dialogam com a própria experiência da vida e a partir da qual vivem: “na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável, e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 181). Esses valores, entretanto, não são dados na natureza: eles se constroem na interação entre um sujeito e seu outro ao longo da história. Cada grupo organizará seu horizonte de sentidos e formas da palavra. Sobre isso, discutiremos na próxima seção.

### **Enuncia-se o mundo para sujeitos organizados: o horizonte social**

Visto que enunciar, portanto, é sempre avaliar, notamos que não se avalia para o nada: avalia-se para alguém. Disso surge a ideia de horizonte social, tão fundamental para compreendermos que sempre que um sujeito faz uso da língua, ele mantém outro sujeito como alvo. Este outro, da mesma forma que quem enuncia, é um sujeito histórico, social e temporalmente localizado e, portanto, se embebe nas axiologias constituintes de seu meio. O falante, portanto, sempre enuncia para uma determinada organização ideológica, respondendo a seus valores. É este horizonte sócio-historicamente orientado - uma espécie de interlocutor ideal, representante do grupo de indivíduos organizados - que mantém avaliações, ou *ênfases ideológicas* (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 111, destaques do autor) dominantes, e que orienta o discurso produzido pelo um

sujeito. São esses horizontes, constituintes de quaisquer grupos humanos, que determinarão a forma dos enunciados e da sua comunicação, desde a adequação vocabular, ao gênero discursivo ideal.

Dessa forma, uma vez que “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 93), e que a não marcação de gênero é uma manifestação sígnica, fica evidente que a afirmação da existência de um “pronome neutro”, ou “linguagem neutra”, não é correta. Nenhuma linguagem, ou marcação de gênero, qualquer que seja, é neutra. Toda marcação - ou sua negação - carrega em si ideologias de um grupo organizado sócio-historicamente e refrata, em seu material, estas avaliações. Nenhum signo é livre disso. Isso evidencia nossa posição já vista de negar os termos “linguagem neutra”, “pronome neutro”, etc. devido a sua imprecisão quando vistas sob um aspecto ideológico como o que utilizamos neste trabalho. Pois seja para defender uma igualdade, possibilidade de expressão ampla e plural, uma sociedade mais justa, ou para negar a tudo isso, tais ocorrências de não marcação de gênero defendem uma posição ideológica e refratam vivências valorativas, orientadas a um horizonte social que ou as suportam, ou as negam.

Assim fica evidente que o universo ideológico, refletindo e refratando o universo social, não se apresenta como o meio de circulação de um valor apenas; de um meio homogêneo. Muito antes disso, o universo ideológico é atravessado por diferentes avaliações, representantes diretas das mais diferentes vozes sociais. Na língua se imprimem as diferentes posições axiológicas dos grupos sociais, com seus valores variados. Por conta das múltiplas acentuações do signo ideológico que encontramos palavras tão bem, ou mal, recebidas dependendo do contexto de seu uso: o falante sempre manipula o seu discurso a fim de concordar com determinado horizonte social, que tem suas próprias formas *do enunciado* e formas *da comunicação* (VOLÓCHINOV, 2018[1929]) constituída por avaliações ideológicas próprias. Na próxima seção, veremos como esse entrelaçamento de vozes surge como conceito na obra do Círculo e como ele pode ser visto na prática discursiva.

### **O entrelaçamento de vozes: heteroglossia**

A linguagem é, percebemos, saturada pelas mais diversas posições axiológicas, vozes sociais, surgidas pelo seu próprio processo sócio-histórico de existência (FARACO, 2003, p. 56). A esse entrelaçamento de vozes é direcionado o conceito de heteroglossia, não sendo possível existir qualquer tipo de linguagem monoacentual: é condição do signo ser atravessado por divergentes valores e é só esse “cruzamento de acentos [que] proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se.” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 113) É por conta desse jogo de forças que torna o universo discursivo vivo e móvel que o Círculo de Bakhtin adotou a metáfora do diálogo (FARACO, 2003, p. 57). Sobre isso, Faraco (2003, 2003, p. 64) afirma:

As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor - que [...] constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido este não como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.

Este entrecruzamento de valores fica evidente quando olhamos para os mais recentes casos de adoção de pronomes de gênero não marcado no Brasil e no mundo. Em território nacional, o caso do colégio Liceu Franco-brasileiro repercutiu após a escola decidir incluir um terceiro pronome como possibilidade de tratamento para seus alunos e funcionários e teve a medida duramente criticada, levando dois deputados a problematizar a questão na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (CNN, 2020). Logo em seguida, um deputado federal propôs um projeto de lei que proíba o uso de pronomes de gênero não marcado (ESTADO DE MINAS, 2020). Mais recentemente, o Governo do Estado de Santa Catarina editou um decreto para obrigar o uso da norma culta da Língua portuguesa em escolas e materiais didáticos em uma resposta à popularização do uso da não marcação de gênero em tais ambientes (GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2020).

Esta não é a primeira vez que o tema surge, e uma breve leitura de algumas matérias disponíveis na internet a respeito do tema mostram que a discussão toma lados ideológicos muito claros (GAZETA DO POVO, 2020; JOVEM PAN, 2020). O senso comum relaciona diretamente uso de pronomes de gênero não marcado, uma estratégia de não marcação de gênero na língua, à ideologias progressistas, de esquerda, feministas etc. Enquanto o não uso desses pronomes, a proibição ou repúdio, são associados, pelos seus defensores, a partidos de centro-direita, direita, conservacionistas e posições ideológicas retrógradas. Estes fenômenos valorativos vão ao encontro do estudo que Sendén, Bäck e Lindqvist (2015) realizaram e o qual retomamos brevemente. Entre 2012 e 2015, Sendén, Bäck e Lindqvist (2015) acompanharam como aconteceu a recepção e o uso de um terceiro pronome sueco sem gênero marcado (*hen*) para entender os efeitos do tempo sobre esse processo. Os resultados mostraram que, ao longo do tempo, a aceitação aumentou entre os participantes, mas o surpreendente é a evidente correlação entre a atitude positiva dos participantes sobre o pronome e sua orientação ideológica:

Aqueles [indivíduos] com uma orientação à ideologias de direita e com maior pontuação sexista reagiram mais negativamente do que indivíduos com uma orientação ideológica à esquerda e com menores índices sexistas. (SENDÉN, BÄCK e LINDQVIST, 2015, tradução nossa)

É possível perceber, refletindo sobre as reportagens nacionais conjuntamente com a pesquisa de Sendén, Bäck e Lindqvist, o que o Círculo de Bakhtin aponta como a heteroglossia constituinte do ambiente discursivo: o fenômeno de pronomes de gênero não marcado é atravessado por avaliações sociais, e o seu uso refrata não apenas significados estáticos e pré-fixado (um

sujeito nem masculino, nem feminino), mas existências e suas correspondências ideológicas.

Ao mesmo tempo percebemos como o dialogismo acontece na prática: enquanto o fenômeno da não marcação de gênero é uma resposta às atuais binaridades da Língua Portuguesa (e, no caso do estudo sueco, também da língua sueca), o fenômeno da negação destes pronomes e sua retaliação surge como uma resposta negativa às ideologias defensoras. É nessa constante luta que a linguagem se constitui e evolui ao longo do tempo: mudando não apenas significados, mas existências e suas valorações. Sempre através da luta de forças ideológicas. Para entendermos melhor a batalha ideológica dentro do signo linguístico, faz-se necessário entendermos o que é a tendência monologizante e como ela acontece no universo discursivo.

### **Uma tendência monologizante**

A esta tendência do sujeito de tentar excluir quaisquer avaliações discordantes fazendo valer a sua própria o Círculo chama de tendência monologizante. É a partir desta tendência que surgem dois conceitos importantes na obra do Círculo de Bakhtin e que nos ajudam a explicar o fenômeno da não marcação de gênero: o conceito de forças centrípetas e as forças centrífugas. As primeiras são aquelas que forçam continuamente o discurso à determinada avaliação única, numa tentativa de apagar as muitas avaliações ideológicas; as segundas são aquelas que desafiam os valores estabelecidos pelas forças dominantes “por meio de vários processos dialógicos tais como a paródia, e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobreposição de vozes” (FARACO, 2003, p. 67).

É observável nas reportagens nacionais e também no estudo sueco como as forças centrífugas dos grupos humanos acontecem em resposta a uma tendência monologizante de dar continuidade à marcação de gênero apenas binário. Essa tendência monologizante se caracteriza como uma força centrípeta, que age com resistência às mudanças avaliativas e buscando uma homogeneidade ideológica. Veremos agora onde se localizam, no tecido social, o potencial para estar mudanças dos valores ideológicos com os conceitos de ideologia oficial e ideologia do cotidiano.

### **Ideologia oficial e cotidiana**

Nos termos de (VOLÓCHINOV, 2018[1929]), este processo de reavaliação ideológica, bem como a luta entre forças, acontece em primeira instância no que o autor chama de camadas mais altas da ideologia do cotidiano. As conversas cotidianas, interações casuais do dia a dia, explica Volóchinov:

[...] são capazes de transmitir as mudanças da base socioeconômica com mais rapidez e clareza. É justamente aqui que se acumulam as energias criativas e responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos. Antes de conquistar seu espaço na ideologia oficial organizada, as novas forças sociais emergentes primeiramente encontram

É a ideologia cotidiana o terreno fértil para o surgimento de novas tendências ideológicas. Segundo Volóchinov, todas as ênfases sociais “pretendem o *reconhecimento social*, e apenas em prol desse reconhecimento são realizadas no exterior, no material ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 111, destaques do autor). O maior símbolo de reconhecimento social é ser institucionalizado, ativo nas ideologias oficiais dos respectivos grupos humanos. Entendemos aqui por ideologias oficiais o mesmo que o Círculo de Bakhtin. São elas, como pontua Faraco (2003, p.61), as “práticas socioideológicas culturalmente mais elaboradas, como as artes, as ciências, o direito, a filosofia, a religião etc.” E também os textos jurídicos, documentos oficiais, contratos, as próprias gramáticas normativas e basicamente qualquer *formalidade institucionalizada* de uso da língua. Estes sistemas não são únicos, como podemos ver: são muitas ideologias oficiais, cada uma correspondente a um determinado grupo humano, algumas apenas mais valorizadas do que outras, a depender do ponto de vista, e cada uma “entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo” (MIOTELLO, 2012, p. 168-169).

Olhando para a não marcação de gênero, a entendemos como um fenômeno que sai das camadas da ideologia do cotidiano como uma vivência buscando alcançar o reconhecimento oficial e se tornar monologizante, recusando, como já o faz, discursos opostos a seu valor.

Ainda assim, ressalta Volóchinov (2018[1929]), a relação da ideologia oficial e da ideologia cotidiana não acontece separadamente, sendo a permanência de um signo nas ideologias oficiais dependente de sua realização e aderência na ideologia do cotidiano. Existe uma dependência dos sistemas ideológicos formados com a ideologia do cotidiano, e vice-versa. Isso se dá porque “os sistemas ideológicos formados [...] cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 213). Isso significa que as ideologias oficiais interferem nas ideologias do cotidiano dando-lhes certo modelo de juízo de valor, ao mesmo tempo em que qualquer ideologia oficial deve passar pela avaliação e uso da base de falantes.

Vale ressaltar que essas muitas lutas entre valores também acontecem internamente nas ideologias do cotidiano. Durante o tempo todo valores são reavaliados, respostas surgem e conceitos mudam nos muitos grupos humanos, mas são apenas nos momentos de crise, como já pontuamos, que estas reavaliações, esta luta, se mostra com mais facilidade. Porém, como afirma Volóchinov (2018[1929]), porque essas mudanças no signo acompanham as avaliações ideológicas do universo social, só ganhará força qualquer expressão que esteja relacionada com as premissas socioeconômicas essenciais da existência do grupo onde acontece. Nada que não tenha um valor real, já reconhecido e sem ter sua existência validada, pode existir na realidade discursiva, muito menos estabelecer-se como parte da norma em ideologias oficiais.

Por outro lado, esse processo de oficialização pelo qual um signo passa imprimirá nele as refrações das ideologias dominantes, adicionando-lhe novos valores. Sobre esse processo aponta:

É claro, no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem influência de sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente as formas acumuladas, as práticas e as abordagens ideológicas. (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 215)

É constitutivo do processo de inserção de uma nova forma de expressão na linguagem que ela se molde, seja polida e refeita pelas forças ideológicas estabelecidas nos grupos humanos. Isso se deve ao atrito já destacado anteriormente, o processo dialógico ao qual os discursos se submetem ao exteriorizar-se no mundo em respostas a outros discursos.

Quando relacionado ao fenômeno da não marcação de gênero na Língua Portuguesa, o desafio de eleger-se a norma é ainda mais complexo, porque, no caso do fenômeno, a concordância exigida de gênero é exigida entre outros elementos além dos pronomes, afetando também os substantivos, os adjetivos e os artigos nas construções sintática. Não só isso, mas, como vimos, o que está em jogo nessa luta não são apenas palavras, são valores e existências. A negação dessas vivências é a principal responsável por qualquer dificuldade de inserção. Podemos inferir do princípio da valoração presente em Volóchinov (2018[1929]), que se uma existência não tem valor, ela não poderá constituir o conjunto de signos ideológicos disponíveis a um grupo humano:

Em cada etapa do desenvolvimento social existe um conjunto específico e limitado de objetos que, ao chamarem a atenção da sociedade, recebem uma ênfase valorativa. Apenas esse conjunto de objetos obterá uma forma signica, isto é, será objeto da comunicação signica. (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 110)

Logo, porque uma existência não-binária não tem valor amplamente no grupo humano falante da Língua Portuguesa, ela não pode ter na Língua Portuguesa uma forma institucionalizada que refrata esta existência.

Ainda assim, a não oficialização não impede que estas novas formas ganhem força em grupos sociais menores, dirigidos a horizontes sociais que lhe garantem valor. São esses grupos, na verdade, que garantem a permanência dessas vivências na linguagem. Como mostra, inclusive, Sendén, Bäck e Lindqvist (2015) em sua pesquisa: ter interesse em questões relacionadas a gênero e identidade está associado a melhor recepção do pronome de gênero não marcado *hen*. Novamente ao encontro da ideia do Círculo de que *“somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se”* (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 111, destaques do autor). No grupo, portanto, no qual esta existência sem gênero/não-binária tiver valor, então ela poderá existir no universo da palavra. É dessa valoração que surgem os sites, vídeos, manuais de

como usar a linguagem sem gênero marcado. Porque, ainda que as grandes ideologias não tenham oficializado sua existência, ela é real para certos grupos humanos e se perpetua neles.

### Considerações finais

Guiados por nosso objetivo de refletir sobre o fenômeno da não marcação de gênero na Língua Portuguesa sob a perspectiva bakhtiniana de linguagem, esperamos poder responder afirmativamente a nossa questão norteadora: a perspectiva bakhtiana de linguagem consegue colaborar na reflexão sobre a não marcação de gênero na Língua Portuguesa? Esperamos que esteja evidente como o pensamento Círculo de Bakhtin, mais especificamente os desenvolvidos por Valentin Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, é uma fonte rica para compreendermos o fenômeno da não marcação de gênero na Língua Portuguesa. É importante que saíamos dessa breve reflexão com algumas clarezas: 1) o fenômeno da não marcação de gênero acontece por motivações ideológicas; 2) este fenômeno busca alcançar a ideologia oficial e alterar a norma; 3) durante esse processo, os valores ideológicos de seus signos serão postos em prova pelo horizonte social ao qual ele se dirige e deseja convencer (no caso da não marcação de gênero os falantes de Língua Portuguesa); 4) o termo “pronome neutro” e variantes não é ideal por entendermos que não existe neutralidade na linguagem e propomos substituí-lo por “não marcação de gênero”; 5) estes signos ideológicos somente poderão ter algum efeito na ideologia institucionalizada caso a grande maioria de falantes de falantes faça uso cotidiano dessas formas, uma vez que existe uma relação de codependência entre ideologia oficial e cotidiana; 6) o fenômenos da não marcação de gênero é fundamentalmente linguístico e, sendo a palavra o principal medium de circulação ideológica, ela “reflete – ‘refrata’ – a realidade segundo projeções de classe diferentes” (PONZIO, 2008, p. 118) mesmo que aparentemente revolucionárias, estas forças têm o mesmo objetivo dominador de ocupar as ideologias oficiais e impor-se como regra, uma prova disso é que nos círculos sociais onde estas formas são aceitas e usadas há suas regras já oficializadas.

Esclarecemos, também, que esta reflexão não é exaustiva. O que buscamos é inspirar as futuras pesquisas, tão acaloradas atualmente, tematizando a não marcação de gênero na língua, a atentar ao fato de que o Círculo de Bakhtin pode contribuir abundantemente a este debate. Uma sugestão de percurso de pesquisa é a análise desse embate ideológico na prática discursiva cotidiana, onde, como vimos, é possível visualizar com mais precisão o “pluralismo dialogizado”, isto é, o entrecruzamento contínuo de vozes sociais, as fronteiras do embate ideológico (nos termos de FARACO, 2003, p. 57). Considerando isso e o fato de que é em momentos de crise que as ideologias presentes no signo linguístico evidenciam-se, e também o fato de que a luta contra ou a favor da não marcação de gênero na língua é essencialmente uma luta entre valorização ou não se um signo ideológico, este é o momento ideal para visualizarmos os princípios dos Círculo de Bakhtin a respeito da tão dita “ciência das ideologias” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 91) ocorrendo; através da única instância em que eles podem acontecer: o seio social.

ANDRIGHETTI, Graziela; PERNA, Cristina. O ensino de pronomes em aulas de português como língua adicional: ampliando discussões. *Brazilian English language teaching journal*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 129-145, 2016, jul.-dez. 2016.

CNN Brasil. Discussão sobre gênero neutro em colégio tradicional do Rio vai parar na Alerj. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/11/12/discussao-sobre-genero-neutro-em-colegio-tradicional-do-rio-vai-parar-na-alerj/>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

ESTADO DE MINAS. Deputado mineiro apresenta projeto de lei para proibir “gênero neutro” em escolas. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/24/interna\\_politica,1213951/deputado-mineiro-apresenta-projeto-de-lei-para-proibir-genero-neutro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/24/interna_politica,1213951/deputado-mineiro-apresenta-projeto-de-lei-para-proibir-genero-neutro.shtml)>. Acesso em: 09 jan. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar edições, 2003.

GAZETA DO POVO. Obrigado o uso de pronomes de gênero neutro é ameaça à liberdade. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/obrigar-o-uso-de-pronomes-de-genero-neutro-e-uma-ameaca-a-liberdade-nas-universidades-6nsw9xpwegy2hd6o99080621i/>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

GUSTAFSSON, Sendén Marie; BÄCK, Emma A., LINDQVIST, Anna. Introducing a gender-neutral pronoun in a natural gender language: the influence of time on attitudes and behavior. *Frontiers in Psychology*, v. 6. Bélgica: 2015. Jornal digital. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2015.00893/full>>. Acesso em 03 jan. 2020.

JOVEM PAN. Impor a linguagem neutra a crianças é um crime. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/adrielle-jorge/impor-a-linguagem-neutra-a-criancas-e-um-crime.html>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

LAU, Héilton Diego. *Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro: os discursos de Carlos Apolinário e Eduardo Cunha nos pls 294/2005 e 1672/2011*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

MEDIUM. Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR). [Post da web]. Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 167-177.

PONZIO, Augusto. *A revolução Bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018[1929].

YOUTUBE. Como usar pronome neutro? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LPL4TiMClts>>. Acesso em: 03. jan. 2020.

---

### Para citar este artigo

---

SILVA, Guilherme Alexandre da. Uma reflexão bakhtiniana sobre o fenômeno da não marcação de gênero. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1362-1374, set.-out. 2021.

---

### O autor

---

**Guilherme Alexandre da** é graduando do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo.